



Em defesa do ensino público, gratuito, laico, vinculado à produção social, para todos, em todos os níveis e sob o controle dos estudantes e trabalhadores!

Edição Nº06

POLÍTICA OPERÁRIA

A tarefa da vanguarda classista e consciente para a situação

Os acontecimentos indicam que a Campanha pelo Fora Bolsonaro está chegando ao fim. A luta dos partidos reformistas e centristas pelo impeachment está se transformando na campanha eleitoral de 2022. Isso pode ser explicado pela política levada a cabo pelos partidos dirigentes desse movimento, PT, PCdoB e PSOL, que subordinaram a luta, o ódio das massas contra Bolsonaro à bandeira de substituição de um governo burguês por outro. Chegaram ao ponto de se aliar com setores da burguesia e partidos golpistas, para impulsionar o impedimento do presidente. Nada disso deu certo. E neste momento não vemos nenhum balanço crítico das correntes que embarcaram nessa canoa furada.

Como num passe de mágica, os que diziam que o impeachment era a única saída, passam agora a dizer que Lula é a única saída. Nossa tarefa é revelar as raízes de classe desse engodo. É preciso desde já desfazer a fábula de que um próximo governo Lula resolveria nossos problemas, tiraria o país da miséria, etc. Uma dirigente da UNE, em um ato, chegou a dizer que “seremos felizes de novo”. Tal impostura só é possível mascarando a realidade dos governos do PT. Tanto Lula precisou e precisa da burguesia para governar, como setores da burguesia já apoiam a candidatura do caudilho. A incapacidade de realizar a prometida reforma agrária, se limitando a assentamentos pagos aos capitalistas, que desapareceram com a chegada da crise, a reforma da previdência petista, o envolvimento na corrupção própria do Estado burguês, a estatização dos sindicatos e movimentos sociais, ou seja, destruição da independência de classe, a decomposição do governo junto com a crise mundial, o salto no encarceramento da juventude negra, a lei antiterrorismo, a lei da terceirização, o ataque ao seguro-desemprego etc., são alguns elementos que expõem a farsa de um governo petista imaculado.

É necessário mostrar aos explorados, por meio de suas

reivindicações e mobilizações, que existe um precipício entre o palavreado dos partidos burgueses e a realidade econômica e social. A Pandemia ampliou, mas não inventou a miséria. Ficou evidente que, com as contrarreformas, a força de trabalho está sendo mais sacrificada, o que potencializa a informalidade e o empobrecimento geral. Nada indica que um novo governo do PT possa resolver essa situação. É sintomático que Lula esteja aventando a possibilidade de ter Alckmin como seu vice e não tenha dito uma palavra sequer sobre revogar as contrarreformas tão odiosas, que ampliam nossa miséria, como a reforma trabalhista, previdenciária e administrativa, que já ocorre nos estados.

Para mudar essa situação, é preciso que a vanguarda com consciência de classe perca as ilusões nos partidos e políticos reformistas que requeimam a mercadoria estragada da frente popular e da conciliação de classes. São cadáveres insepultos, que disseminam passividade e fecham os olhos para as ações fascistas, organizadas sob a aliança das forças de segurança com os grupos paramilitares que, no RJ, movem os negócios criminosos umbilicalmente ligados ao desvio de verbas estatais.

O primeiro passo para isso é denunciar o papel que tem cumprido as direções sindicais e os partidos reformistas, no desvio da luta pelas necessidades mais sentidas da classe operária e demais trabalhadores. É trabalhar por construir a corrente proletária sindical, capaz de arrancar a direção do movimento sindical e dos explorados das mãos das direções eleitoreiras, acomodadas aos cargos parlamentares e acordos judiciais. A Corrente Proletária tem a tarefa de levar a política proletária para dentro desses sindicatos e movimentos, o que significa desenvolver, através dos métodos próprios da classe operária, a ação direta das massas, as greves, ocupações etc., o programa revolucionário da maioria oprimida, a revolução e ditadura proletárias.

A luta negra diante do aparato reformista no estado do Rio de Janeiro

O que podemos esperar do Dia da Consciência Negra no estado do RJ, e principalmente na cidade do Rio de Janeiro e Baixada, onde a opressão racial é mais visível, e os atos e as lutas são mais expoentes? Podemos esperar ver o que vimos ao longo do ano inteiro no cenário político: As direções reformistas, e por isso pró-burguesas, impõem sobre as massas sua política conciliadora de substituição de um governo burguês por outro, em oposição às necessidades materiais das massas, o emprego, salários, direitos etc.

Com o desmascaramento da política burguesa do “fique em casa”, que deixou em situação de extrema miséria os trabalhadores em 2020/21, cada vez mais os explorados começaram a ganhar as ruas. Inúmeras denúncias de assassinatos, principalmente de negros, se materializaram em protestos.

Segundo os dados do Atlas da Violência de 2021, entre 2009 e 2019, o número de negros vítimas de homicídio cresceu 1,6%, passando de 33.929 vítimas em 2009 para

34.466 em 2019. Já as vítimas não negras passaram de 15.249 em 2009 para 10.217 em 2019, redução de 33%. No Rio de Janeiro, em 2019, as mortes por armas da polícia correspondem a 78% de negros. Neste ano, além dos casos habituais de violência policial contra o proletariado negro, houve dois de grande expressão, que servem de exemplo para mostrar como as direções sindicais, estudantis e dos movimentos sociais têm abandonado a luta dos pretos e pretas, embora digam o contrário. Um caso foi da chacina na favela do Jacarezinho, localizada na Zona Norte da cidade, em 6 de maio deste ano, que fez 29 mortos durante uma operação feita pela Polícia Civil, em plena Pandemia. Alguns moradores morreram dentro de suas casas. A operação, que segundo o Estado, teria o intuito de investigar o aliciamento de crianças e adolescentes para ações criminosas, contou com uma equipe de 250 policiais, 4 blindados e 2 helicópteros e foi realizada menos de três semanas depois de uma audiência do STF sobre a ADPF 635, que visava suspender operações policiais em favelas durante a pandemia, sendo permitida somente em casos especiais. É importante lembrar que o caso aconteceu em uma semana de troca de governo, pois em 1º de maio Cláudio Castro tomou posse do governo do Estado por conta do afastamento de Wilson Witzel. Castro ainda recebeu, dias antes do massacre, uma visita do presidente Bolsonaro, seu aliado. Outro caso foi da morte de Kathlen Romeo, em 8 de junho, uma jovem negra de 24 anos, morta com um tiro na cabeça pela PM na comunidade do Lins de Vasconcelos, também na Zona Norte da cidade. Kathlen tinha saído da comunidade em abril por medo da violência, voltou para visitar a avó e foi baleada enquanto caminhava com ela pela rua.

Sabemos que a polícia é braço armado do Estado burguês, usada como forma de repressão de classe e que por isso o racismo não poderia deixar de fazer parte da corporação policial. Mas queremos chamar a atenção para a importância da resposta das direções reformistas e centristas, aqui no RJ: o silêncio. Em todos os atos, a única palavra de ordem que os partidos de esquerda, a exemplo de PSOL e PT, se limitaram a levantar foi o impeachment do presidente

Bolsonaro. Ignoram assim, que a opressão sobre os pretos e pretas não é conjuntural, deste ou daquele governo burguês, mas estrutural. Sua raiz está na opressão de classe, e assim, sua luta não pode estar em outro lugar que não seja na luta de classes, no combate à burguesia de conjunto e seus pilares, a propriedade privada e a exploração do trabalho. Em um dos atos, a família de Kathlen Romeo estava ouvindo o discurso de Benedita da Silva (PT), e um parente disse: "Ela acha que nos engana usando o fato dela ser negra e do morro. O que ela fez por nós?"

O Dia da Consciência Negra de 2021 está sob o controle da Campanha Nacional pelo Fora Bolsonaro. Em sua divulgação imprimiram em Bolsonaro o adjetivo de racista, para justificar o "Fora Bolsonaro" neste dia. As reivindicações contra a discriminação sobre os negros e negras vão ficar secundarizadas, quando muito citadas em discursos radicais vazios, que concluem com o pedido de voto nessa ou naquela legenda. Nós, pelo contrário, dizemos que a derrubada deste governo só pode se dar com as massas em luta, com seus métodos próprios e com independência de classe. Para isso, para levantar as massas exploradas, brancas e negras, é preciso partir das reivindicações elementares do proletariado, que é de maioria preta. É na luta por emprego, salários, direitos, contra a carestia de vida, contra a fome, contra a miséria, contra a violência policial, contra o encarceramento do povo preto etc., que as massas vão se levantar, não só para combater esse governo, como para avançar na sua organização e programa próprios de tomada do poder.

Que o Dia da Consciência Negra não seja mais um dia em que as direções pró-burguesas desviem a luta do proletariado negro por suas necessidades!

Que as Centrais Sindicais convoquem imediatamente um Dia Nacional de Luta com paralisações, greves e bloqueios, como forma de preparar a Greve Geral.

Viva o Dia da Consciência Negra!

Viva a luta de todos os explorados!

Resgatar o caráter classista do SEPE

O maior problema que o SEPE enfrenta é a sua burocratização. Em outras palavras, o nosso sindicato, praticamente, deixou de ter como prioridade a defesa de nossa categoria e dos explorados em geral, e passou a ser um aparato, uma espécie de departamento dos partidos políticos de sua direção, principalmente PSOL e PT.

Como mera correia de transmissão da política desses partidos, o SEPE perdeu quase que inteiramente a sua autonomia e o seu caráter classista. Atualmente, quando o nosso sindicato se volta para os nossos interesses, isso ocorre dentro dos limites de objetivos partidários, que na maior parte dos casos colocam a nossa categoria em segundo plano. Essa perda de autonomia pode levar a uma situação mais grave ainda. Dependendo das alianças políticas que aqueles partidos possam fazer, o sindicato pode acabar atuando para o próprio Estado, contrariando seu objetivo é a defesa da força de trabalho. Obviamente, não se trata de rechaçar a participação partidária nos sindicatos, mas sim sua instrumentalização para fins eleitorais e corporativos. A atuação da Corrente Proletária na Educação (CPE) nos sindicatos tem por objetivo potencializar as lutas e desenvolver a estratégia e táticas do proletariado no movimento dos trabalhadores da educação.

Um exemplo pode ser dado no recente movimento dos

servidores do município de São Paulo, onde a CPE defendeu a ação direta contra a conciliação da direção sindical que apostou na tática de "virar voto dos parlamentares", na votação da reforma da previdência. Parte da base atendeu o chamado da CPE-POR e enfrentou os cães de guarda do Estado. Resistiu a chuva de bombas e balas de borracha, mas a política da conciliação ainda foi majoritária e o resultado foi a aprovação de mais uma contrarreforma. Toda experiência na luta de classes, especialmente nos sindicatos da educação, deve ser assimilada criticamente para avançarmos em nossa própria luta.

O SEPE, assim como muitos outros sindicatos, precisa resgatar com urgência o seu caráter classista, voltando a potencializar a luta pelas reivindicações vitais dos trabalhadores da educação e dos explorados em geral. O nosso sindicato precisa recuperar a sua autonomia, sua independência política e organizativa, o que significa rejeitar a política de conciliação de classes e a burocratização levada a cabo por sua direção. Para isso, é fundamental um trabalho junto às escolas, a convocação de assembleias e reuniões presenciais e restabelecer a democracia sindical em todas as suas instâncias. É com esse objetivo que a Corrente Proletária chama os companheiros a construir esse polo classista e de luta no sindicato e no movimento social.